

---

**CARLA LASCH MAHL**

**MANUTENÇÃO LINGÜÍSTICA DA VARIEDADE ALEMÃ HUNSRÜCKISCH  
EM SÃO CARLOS - SC**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras  
Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial  
para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II, defendido em banca  
examinadora em 30/11/2015.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Horst



Aprovado em: 30,11,2016

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (UFFS – Chapecó)



Profa. Dra. Maristela Pereira Fritzen (URB – Blumenau)

Profa. Dra. Dulce do Carmo Franceschini (UFFS – Chapecó/membro suplente)

Chapecó – SC, 30 de novembro de 2015.

# Manutenção linguística da variedade alemã *Hunsrückisch* em São Carlos - SC<sup>1</sup>

Carla Lasch Mahl<sup>2</sup>

ahcarlalm@hotmail.com

**RESUMO:** Dentre as possibilidades de estudo das línguas em contato no Brasil, este trabalho tem como foco principal a variedade da língua alemã, *Hunsrückisch* (ou hunsriqueano), falada por teuto-brasileiros no extremo oeste de Santa Catarina. O objetivo geral desta pesquisa é descrever dados linguísticos de uma comunidade de contato português-Hunsrückisch (São Carlos - Santa Catarina) e analisar a manutenção e substituição linguística da variedade alemã, considerando os termos de parentesco espirituais. Toma-se como base os estudos de Altenhofen (2002, 2004, 2007), Horst e Krug (2012), Horst (2011), Pertile (2009), Krug (2011), Altenhofen, Raso e Mello (2011), Fritzen (2008), Jungblut (2011), além de Thun (1996, 1998, 2005, 2009 e 2012). Levaremos em conta questões referentes ao grau de bilinguismo dos informantes da comunidade, o reconhecimento da identidade e os termos de parentesco do tipo espiritual. Os dados que iremos analisar são provenientes do projeto Altas linguístico contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata – ALMA, com base na Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bilinguismo português- *Hunsrückisch*. Contato linguístico, Manutenção e substituição linguística. Dialetoлогия pluridimensional. Termos de parentesco do tipo espiritual.

**RESÜMEE:** Über die Möglichkeiten des Studierens von Sprachen im Kontakt in Brasilien: die vorliegende Arbeit untersucht die Vielfalt des Hunsrückischen (oder hunsriqueano in Portugiesisch), das von Deutsch-Brasilianern im äußersten Westen von Santa Catarina gesprochen wird. Der allgemeine Untersuchungsgegenstand dieser Forschung ist die Beschreibung und Analyse der Sprachdaten einer Gemeinde im portugiesisch-hunsrückischen Kontakt (São Carlos - Santa Catarina) sowie die Beschreibung der Pflege und des Austauschs der deutschen und portugiesischen Sprache, unter Berücksichtigung der Seelenverwandtschaft. Die vorliegende Untersuchung stützt sich auf Studien von Altenhofen (2002, 2004, 2007), Horst und Krug (2012), Horst (2011), Pertile (2009), Krug (2011), Raso und Mello (2011), Fritzen (2008), Jungblut (2011) und Thun (1996, 1998, 2005, 2009 und 2012). Fragen im Zusammenhang mit dem Grad der Zweisprachigkeit der Community Informanten, der Anerkennung der Identität und der Fachbegriffe der

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora Prof(a). Dra Cristiane Horst

<sup>2</sup> Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

geistigen Verwandtschaft werden berücksichtigt. Die analysierten Daten stammen von der "Atlas linguístico contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata – ALMA" und basieren auf der dimensional und relationalen Dialektologie.

**STICHWÖRTER:** Zweisprachigkeit Portugiesisch - Hunsrückisch, sprachliche Kontakte, Wartung und sprachliche Substitution, dimensionale Dialektologie. hinsichtlich der Seelenverwandtschaft.

## 1. INTRODUÇÃO

A língua supre uma das necessidades para o convívio humano, a identidade ou sentimento de pertencimento a um grupo, pois é através dela que divulgamos nossa cultura. A presença de vários grupos étnicos como povos indígenas, afrodescendentes e imigrantes europeus, resultou numa diversidade cultural e linguística que se revela na fala e nas línguas utilizadas pelas pessoas. Este trabalho tem como **objetivo** central descrever dados linguísticos da variedade da língua alemã, *Hunsrückisch*, em um município de predominância de descendentes teuto-brasileiros.

O ponto de estudo selecionado foi São Carlos- SC, esse município foi escolhido por atender o critério de possuir em sua composição populacional a maioria de teuto-brasileiros, dentre eles, falantes da variedade alemã *Hunsrückisch* (Jungblut, 2011). Dados do IBGE (2010) mostram que os primeiros grupos étnicos que se instalaram na cidade foram respectivamente: os indígenas (predominantemente tupi-guarani e kaingangue), caboclos, Ítalo-brasileiros (do norte gaúcho, principalmente, a partir de 1917), em grande número os alemães e seus descendentes e por último alguns teuto-russos (a partir de 1929).

O corpus da pesquisa é proveniente do banco de dados do projeto ALMA - Atlas linguístico contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata<sup>3</sup>, projeto que envolve pesquisadores que atualmente estão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Christian-Albrechts-Universität zu Kiel (CAU-Kiel) da Alemanha e na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), constituído com base na dialetologia pluridimensional apontada por Thun (1996, 1998, 2005, 2009 e

---

<sup>3</sup> Projeto na qual a orientadora deste trabalho, Cristiane Horst, é inquiridora.

2012). O projeto entrevistou 7 informantes<sup>4</sup> de São Carlos -SC, este estudo agora irá utilizar-se das respostas fornecidas por estes informantes para verificar a manutenção e substituição linguística relacionado com o bilinguismo português-*Hunsrückisch* na localidade, nas dimensões diageracional, diassexual e diastrática.

Para analisar mais a fundo os traços marcantes da fala em contextos de línguas em contato foram selecionados como elementos de estudo os termos de parentesco espirituais (padrinho, madrinha, afilhado, afilhada) utilizados pelos informantes da pesquisa. Destaca-se a relevância da pesquisa para trabalhar com o corpus do projeto maior, ALMA, referência nacional na área e para a ampliação dos estudos do plurilinguismo no Brasil e línguas de imigração ainda presentes em nosso território.

A pergunta que norteia nosso estudo é: "Será que o motivo e o percentual que o indivíduo mantém uma língua, está relacionado à classe social, ao gênero ou à idade?" Os **objetivos** específicos são: (i) Relacionar as dimensões diageracional, diassexual e diastrática para verificar se ocorre a manutenção e substituição linguística do *Hunsrückisch* pelo português considerando os termos de parentesco espirituais; (ii) Discorrer sobre os fatores extra-linguísticos que podem influenciar na manutenção e ou substituição da variedade alemã; e (iii) Inferir o grau de bilinguismo dos informantes a partir da análise de questões referentes as crenças dos indivíduos.

Com a investigação das respostas dos informantes pretende-se confirmar a **hipótese** de que o bilinguismo nos informantes da pesquisa manifesta-se em diferentes graus de proficiência. Além disso, que há outros fatores extra-linguísticos, como históricos e políticos, aspectos geográfico e *status*, são influências para a manutenção ou substituição desta variedade alemã pelo português. O que pode evidenciar o menor uso de termos por falantes, principalmente, de gerações mais jovens, e/ou mais escolarizados, e/ou do sexo masculino, tendo como língua principal o português brasileiro. Toma-se como base principalmente os estudos de Altenhofen (2002, 2004, 2007), Horst e Krug (2012), sobre língua materna e línguas em contato, Horst (2011), Pertile (2009), nos fatores para manutenção e substituição linguística, Krug (2011), Altenhofen, Raso e Mello (2011) no que tange

---

<sup>4</sup> O projeto selecionou 8 informantes porém, o informante da classificação CbGI do sexo masculino dentro das especificações que projeto filtra os informantes não foi encontrado na localidade e será tratado como "informante inexistente".

aos contatos linguísticos e diversidade no Brasil, Fritzen (2008), na relação entre o *Hochdeutsch e Hunsrückisch*, Jungblut (2011) nos estudos sobre a germanidade e imigração alemã, além de Thun (1996, 1998, 2005, 2009 e 2012) nos pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional.

## 2. A PROBLEMÁTICA DA LÍNGUA MATERNA E O BILINGUISMO

Altenhofen (2002) aponta que o conceito de língua materna não é algo estanque, durante os tempos várias concepções estiveram ligadas a esse conceito como: a língua ensinada pela mãe, a primeira língua aprendida no lar, a primeira língua aprendida e ainda falada e primeira língua aprendida e ainda compreendida, conceitos com diferentes concepções. No Brasil não temos estatísticas precisas relacionadas a língua materna de nossa população, uma vez que a noção de língua materna teve mudanças durante os anos.

Os primeiros dados referentes à língua materna e ao bilinguismo surgem quando o IBGE realizou seu primeiro censo no ano de 1940, nesse ano ocorreram avanços na área da tecnologia, sendo criado o primeiro computador, que auxilia nas pesquisas estatísticas. Esse período traz algumas características peculiares, como relembra Seitenfus (2000), bombas atômicas são lançadas nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, Hitler comete suicídio e líderes nazistas da guerra mundial são julgados após seu final em 1945, início da guerra fria e outros conflitos armados. No Brasil é uma época de mudanças, declarando guerra aos países de eixo, entre eles a Alemanha (1942), o presidente Getúlio Vargas se consagra "pai dos pobres".

Altenhofen (2002) ressalva que este censo realiza perguntas para estrangeiros naturalizados ou não relacionadas a língua como: "O recenseado fala corretamente o português?", "que língua habitualmente fala no lar". Perguntas que trabalham com as noções de *certo* e *errado* no exercício da língua portuguesa, supondo que falante bilíngue pode não falar adequadamente o português e também colocando em discussão a percepção que o indivíduo bilíngue têm em relação ao seu próprio bilinguismo. O que nos chama atenção é que dentre as línguas faladas habitualmente no lar, a língua alemã é a que tem maior número de falantes no Brasil na época, de um total de 1 624 689 que habitualmente não falam o português em casa, quase 40% (644 458) falavam a língua alemã, segundo os dados estatísticos

de 1940, porém acreditasse que estes dados em realidade tenham sido muito maiores, por terem sido coletados em período de repressão.

Mas o que é então língua materna? É possível o indivíduo ter mais de uma língua materna? Atenhofen (2002) apresenta o que ele chama de 'conceito dinâmico' (p. 159) para a língua materna:

a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, e) apresentando-se porém geralmente como língua dominante, f) fortemente identificada como a língua da mãe e do pai, e, por isso d) provida de um valor afetivo próprio. (ALTENHOFEN, 2002, p, 159)

A língua nacional, no caso, o português, é aprendido ou simultaneamente com os pais e sociedade ou no contato da criança na escola, o que De Heredia (1989) chama de "bilinguismo precoce". A autora discorre que esse fato ocorre geralmente com crianças de 0 a 5 anos, em que se acredita que a aquisição da linguagem é fixada.

Nesse caso, podemos admitir que em casamentos mistos, haverem duas línguas estrangeiras diferentes e as duas poderem ser repassadas para a criança. Infelizmente não é o que ocorre, o estudo realizado por Horst e Krug (2012) revela que no caso da preservação da variedade alemã *Hunsrückisch* "o processo de lusitanização dos termos do AL está diretamente relacionado com os casamentos inter-étnicos." (p. 380).

Há também o caso da criança aprender e utilizar a variedade alemã como língua principal, mas do decorrer da vida substitui a língua dominante pelo português, geralmente pela necessidade social relacionada à escola, trabalho e convívio social. Esse fenômeno de inversão da língua dominante pela criança De Heredia (1989) chama de "bilinguismo precoce sucessivo" (p. 183).

Mackey (1972) pondera que o bilinguismo pode ser considerado como o uso alternado de duas ou mais línguas pelo indivíduo<sup>5</sup> (1972, p. 555). Mas ele advoga que a noção de bilinguismo deve ser relativizado, sendo que apenas classificar o indivíduo como bilíngue, não a noção dos conhecimentos que ele tem nas línguas, o que vai diferir um bilíngue de outro ou de um monolíngue é o "grau"<sup>6</sup>, de proficiência

---

5 No original : "We shall therefore consider bilingualism as the alternate use of two or more languages by the same individual". (p. 555)

6 No original: "degree" P.555

que este indivíduo tem em ambas as línguas. O bilinguismo ainda envolve questões relacionadas com a "função"<sup>7</sup>, para que o indivíduo utiliza a língua, "alternância"<sup>8</sup> qual a frequência que o falante alterna o uso de cada língua e a "interferência"<sup>9</sup> de uma na outra, como o contato destas duas línguas vão reagir no falante. Portanto, é muito complexo dizer que o sujeito é bilíngue ou não, depende principalmente do grau de proficiência em o indivíduo domina esta língua, e essa denominação, "bilíngue", é cercada por concepções de status de domínio de línguas estrangeiras.

### 3. CONTATOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL

No Brasil há um grande número de etnias, grupos de pessoas que compartilham a cultura, uma variedade de língua. Em contato com a língua majoritária, a língua portuguesa, as comunidades tentam conservar a língua de seus descendentes e, com ela, sua identidade. Mas essa relação não foi sempre tão serena, sendo a língua utilizada como elemento de poder, de dominação sobre um povo. Em relação à história no Brasil e aos principais acontecimentos relacionados aos contatos linguístico, Horst (2009) aponta para quatro grandes fases: "a", "b", "c" e "d". (a) A educação realizada pelos padres jesuítas entre os anos de 1549 a 1758, voltada para catequizar os indígenas, realizada na Língua Geral, uma mistura do tupinambá indígena e do português.

(b) A partir de 1759 houve a chamada Revolução Pombalina, ministrada pelo português Sebastião de Carvalho, chamado de Marquês de Pombal, em que várias mudanças ocorreram visando a melhor exploração sobre o território brasileiro. Dentre elas um corte linguístico significativo para as língua indígenas, o Marquês de Pombal expulsou os Jesuítas, banuiu o uso da língua geral e instituiu a língua do colonizador (português) como língua oficial e obrigatória, iniciando o processo de unificação linguística. A alfabetização passou a ser responsabilidade do estado e a língua materna dos alunos foi esquecida nesse processo.

De 1818 a 1829 ocorreram as chamadas (c) "ondas de imigração", levadas principalmente de imigrantes da Europa e Ásia. Esses imigrantes construíram comunidades, igrejas e escolas, onde a língua materna era o alemão ou o italiano,

---

7 No original: "function" p. 555

8 No original: "alternation" p. 555

9 No original: "interference" p. 555

por exemplo, se ensinava nas escolas a variedade padrão da língua do país origem. No momento que segue, temos novamente um processo de repressão de todas as formas de expressão de língua não oficial, que se dá entre os anos de 1930 a 1984, após a (d) campanha de nacionalização promovida por Getúlio Vargas. Esta campanha de nacionalização do Estado Novo tinha por objetivo entre outros, unificar a cultura e a língua no país, desvincular os imigrantes aos seus países de origem. Assim, os que falavam línguas de imigração foram proibidos de falar sua língua materna em público, Jungblut (2011) pondera que são muitos os relatos de repressão das pessoas que viveram nesse período.

No ano de 1938, a campanha de nacionalização se tornou mais intensa em relação à educação, com leis e decretos marcantes que Jungblut (2011) relembra: O Decreto lei nº 406 de 4 de maio de 1938 estadualizou todas as escolas do país, então escolas comunitárias e paroquiais que utilizavam-se diretrizes das colônias alemãs se tornaram responsabilidade do estado, que utilizava o currículo que acreditava ser pertinente, o ensino deveria ser na língua nacional, circulação de materiais em língua estrangeira como jornais, bandeiras e livros foram proibidos. Porém em algumas localidades, a lei ainda não pode ser totalmente cumprida como ressalva Jungblut (2011), pelo alto índice do uso do alemão e, pela vontade da própria comunidade, o ensino continuou com aulas em alemão, porém, agora com destaque também para a língua portuguesa. A campanha foi reforçada pela lei Federal nº 7.614 de 12 de dezembro de 1938 que determinava o ensino primário exclusivo em língua portuguesa, proibia o recebimento de dinheiro do exterior e professores e diretores das escolas deveriam ser brasileiros e habilitados.

Em Santa Catarina, local de grande contato linguístico de línguas de imigração na época da Campanha, o Decreto lei nº 88, de 31 de março de 1938, já previa o fechamento das escolas que ensinavam em alemão. Rondas eram realizadas pelos policiais, inclusive em igrejas, festas e casas, para garantir a onipotência de língua portuguesa. Os efeitos dessa repressão trouxeram consequências atuais como explicita Altenhofen :

1º. impediu o acesso ao ensino de alemão-padrão e o desenvolvimento de uma cultura letrada, em curso, nessa língua; 2º. exigiu o ensino exclusivo do português, sem dar as condições necessárias para tal; 3º. obrigou a população alóctone a optar entre o silêncio e a variedade dialetal local que restou como língua de comunicação entre os membros do grupo. (1996, p. 71 apud ALTENHOFEN 2004, p.84)

A cultura e a língua dos teuto - brasileiros sofreu grande impacto, a imprensa em língua alemã expressa pelo rádio e jornais parou de circular, juntamente com a escrita da língua padrão, não se lia e não se escrevia em alemão. Um exemplo semelhante ao deste estudo é o de Horst (2011): o coral da cidade de Colinas se chamava "Gesangverein Frohsinn" em alemão, mas por determinação do governo de Getúlio Vargas teve que ser substituído por um nome em português: "Sete de Setembro", coincidentemente o dia da Independência do Brasil. A religião também foi afetada, quando as missas em alemão foram proibidas, assim como as músicas típicas nas festas da comunidade. Na educação, o estado não acolheu os alunos das escolas privadas e comunitárias que ensinavam em alemão, considerando seu contexto de fala, estes ficando desamparados, conforme recorda Jungblut (2011). O autor ainda menciona que os falantes da variedade alemã *Hunsrückisch* não se comunicavam em público, pois essa conduta levaria a quem o fizesse a ser punido na forma da lei, sendo preso. As pessoas que não conseguiam se comunicar em português eram condenadas ao silêncio em público, ficando restritos a falar somente no lar.

### 3.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Dentre as variedades da língua alemã que chegaram no Brasil a que mais se fala até hoje é o *Hunsrückisch*<sup>10</sup>, chamado de hunsqueriano no português brasileiro. É uma variedade da língua alemã falada na região do *Hunsrück*, entre os rios Reno e Mosela (Braun, 2010). O *Hunsrückisch* chega ao Brasil com os imigrantes alemães e recebe a influência de outras variedades, sobretudo o português, em itens da terra nova como fauna, flora, ferramentas, utensílios agrícolas, habitação atividades e situações, como relembra Horst e Krug (2012) e Altenhofen (2004) e Braun (2010).

Flores (1996), ao discorrer sobre a imigração e colonização alemã, aponta para importantes fatores que levaram os imigrantes a adentrarem o Brasil: (i) a Imperatriz Dona Leopoldina, austríaca, era casada com Dom Pedro I, transmitia confiança a seus conterrâneos, (ii) a Alemanha sofria um processo de desemprego, causado pelas novas tecnologias que aumentaram a emigração, (iii) o Brasil buscava pessoas especializadas (até então a mão de obra era de escravos), de

---

<sup>10</sup> Definição apresentada por Altenhofen (1996)

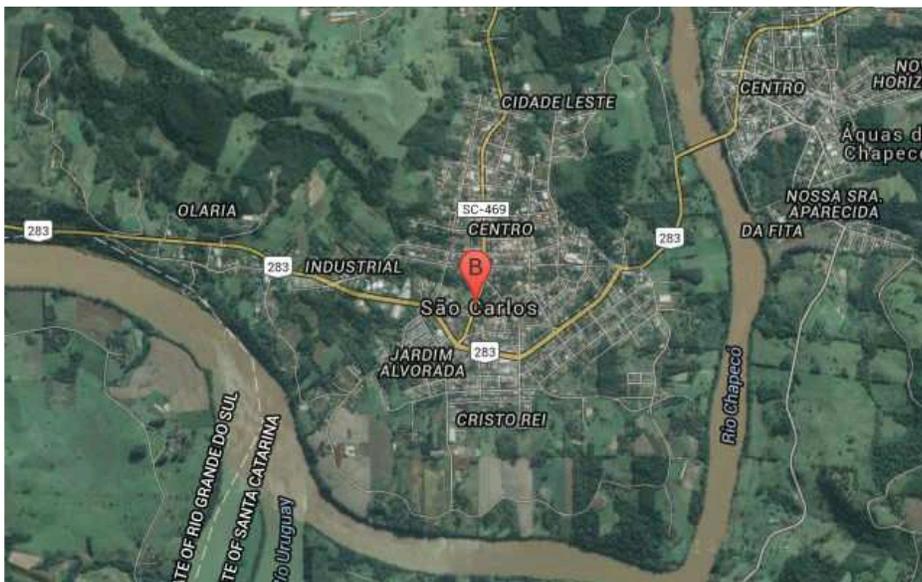
conhecimento na agricultura e de raça branca, no intuito de explorar e povoar mais áreas, desenvolver a agricultura e “clarear” a população. Por volta de 1824, chegam os primeiros imigrantes alemães ao Sul do Brasil, do norte da Alemanha, afim de iniciar o processo de colonização, inicialmente no Rio Grande do Sul e posteriormente Santa Catarina, Paraná e alguns em número reduzido também foram enviados ao Espírito Santo (Jungblut , 2011).

Acreditava-se que os imigrantes traziam consigo a vontade de ter uma propriedade para chamar de sua e as técnicas agrícolas necessárias para o desenvolvimento local. Somam-se relatos da grande propaganda feita pelos atravessadores das terras brasileiras, da longa viagem de navio e após a chegada os perigos e dificuldade que os mesmos encontraram na mata, na língua, na adaptação, mas também relatos de superação, de união como enfatiza Braun (2010). Os imigrantes encontram na culinária, nas festividades, religião, arquitetura e na língua uma forma de preservar sua origem, sua identidade.

Jungblut (2011) aponta que a principal atividade era a agricultura, apesar de existirem pequenos centros comerciais, grande parte da população se encontrava na zona rural. Como os meios de transportes não estavam tão difundidos, uma propriedade era de certa forma distante da outra, além de serem cercadas por morros e mato, portanto, os contatos entre as pessoas ficava mais restrito entre a família e as pessoas da comunidade, Pertile (2009) aponta que esse é um fator para a manutenção da língua, o grau de isolamento que a comunidade alóctone possui Assim sendo, os imigrantes e seus descendentes não tinham motivos para praticar outra língua, em seu círculo de contatos todos falavam e/ou escreviam a variedade do seu grupo étnico, lembra Jungblut (2011). E foi assim nas missas, na escola, nas festividades, nos cartazes, nos livros, nas rádios entre outros, a língua foi o elo que os manteve em ligação com o país de origem.

### 3.1.1 A CIDADE DE SÃO CARLOS - SC

Distante cerca de 600 km da capital, tendo como pólo industrializado mais próximo, Chapecó - SC com pouco mais de 200 mil habitantes. São Carlos é cercada pelos rios Uruguai e Chapecó, como podemos ver na imagem abaixo:



**Imagem 01:** Imagem de satélite do município de São Carlos<sup>11</sup>

Na imagem acima, podemos perceber alguns aspectos geográficos do município, além do pólo urbano, os rios que separam o município do Estado Rio Grande do Sul e do município de Águas de Chapecó (SC). Seguindo a imagem pela SC-283 temos o município de Palmitos (SC) que faz limite e é separado por um rio de menor tamanho, o rio Barra Grande. Que não fazem divisa por meio de rios, somente os municípios de Saudades e Cunhataí (SC), ambos emanciparam-se do município de São Carlos e são de colonização muito semelhante (IBGE, 2010).

A formação étnica predominante dos cerca de 10.291 habitantes até 2010, é resultado do projeto colonizador de 1927 da Companhia Territorial Sul Brasil, tendo como Diretor o Sr. Carlos Culmey, que deu início à colonização, onde atualmente é a região do município de São Carlos. Kerbes (2004) relembra que grupos de descendentes de alemães de religião católica vieram do Vale do Taquari (RS) e imigrantes alemães oriundos diretamente da região do *Hunsrück* em torno de 1930 na Alemanha. O livro tombo da paróquia de São Carlos (1938) mostra como a empresa colonizadora separava os imigrantes por comunidades considerando a religião e a língua falada<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Imagem disponível em: <<http://www.gosur.com/map/?satellite=1&z=14&ll=-27.083996,-52.999168&t=hybrid&lang=em>> Acesso em 10/11/2015

<sup>12</sup> "Pela Companhia Territorial Sul Brasil ficou a nossa zona repartida em três partes a saber: a região de São Carlos para os teuto brasileiros católicos; a de Palmitos para os teuto brasileiros protestantes, e a de Santa Lúcia para os ítalo brasileiros." (SÃO CARLOS, 1938, p. 37)

A população de São Carlos, SC é representada por diversos grupos étnicos que trazem consigo suas variedades linguísticas. Nesta localidade atualmente podemos elencar como principais as seguintes variedades: (a) A língua portuguesa padrão, escrita; (b) Variedade sulista falada da língua portuguesa, chamada também de português riograndense em Horst (2011), com marcações linguísticas conhecidas e falada pela maioria dos habitantes; (c) o inglês e o (d) espanhol, escrito e relacionado ao contexto escolar de língua estrangeira; (e) diversos outros pequenos grupos de fala; e (g) o *Hunsrückisch*, exclusivamente falado, conhecido pelos munícipes e denominado simplesmente como “alemão”, praticado por uma parcela dos de teuto-brasileiros em diversas ocasiões, que aparentemente é mais exercitado pela população da geração mais velha, mas é uma hipótese a ser comprovada. Os habitantes dessa localidade tem a tendência de se deslocarem para fora do município e também da zona rural para a urbana para estudo e/ou trabalho, o que pode ocasionar o contato com outras variedades de língua, este é o caso também de outros municípios, como Colinas no Rio Grande do Sul (Horst, 2011), nestas circunstâncias a língua portuguesa prevalece sobre todas outras.

#### **4. A RELAÇÃO DIGLOSSICA ENTRE HOCHDEUTSCH, HUNSRÜCKISCH E A LÍNGUA PORTUGUESA**

Em algum momento, que não é possível precisar, até o início dos anos 40, no Brasil se escreveu, se leu, circulou a língua alemã variedade padrão. Praticada em cartazes, revistas, livros, cartas, mapas, na imprensa escrita, igrejas, sejam estes materiais oriundos diretamente da Alemanha ou produzidos aqui no Brasil (FRITZEN, 2008). Na oralidade, as missas rezadas por padres alemães se aproximaram do que podemos chamar de *Hochdeutsch*, alto alemão ou alemão padrão. Mas para que esses materiais circulassem era necessário que a língua ali utilizada fosse compreendida tanto para alemães natos, quanto pelos descendentes e essa era a função da escola.

Já que o Estado não garantiu de início o acesso à escola, para cessar uma necessidade de escolarização dos descendentes de imigrantes alemães, geralmente eram trazidos professores diretamente da Alemanha, mantidos pela comunidade e instituições na Alemanha, pondera Jungblut (2011). O autor ainda comenta que esses professores lecionavam as aulas em alemão padrão e conforme se

adaptavam, ensinavam a língua portuguesa como língua estrangeira. Essas características conseguiram manter o *Hochdeutsch* circulando no Brasil pelo menos até 1938, até que o Estado Novo, no governo do presidente Getúlio Vargas, proíbe a circulação de materiais e ensino em alemão.

O cenário para língua alemã após 1938 não foi dos melhores, comenta Jungblut (2011), com as restrições expostas pelo governo, os imigrantes alemães começaram a ter sua fala estigmatizada, de um lado pelos próprios colonos, de outro, pela sociedade de fala portuguesa. Segundo Coseriu (1982), os indivíduos falam de diferentes formas a mesma língua, assim temos as variedades do português e do alemão, ninguém fala o alemão e sim uma variedade do alemão. Os alemães e seus descendentes, após a forte repressão, ficaram restritos ao uso do alemão em variedades orais, dentre elas prevaleceu o *Hunsrückisch* que como outras variedades, é somente falado.

Os próprios falantes e a sociedade criaram a crença de que a variedade falada é *errada*, que não é mesma dos alemães "*legítimos*" (moradores ou oriundos da Alemanha). Sobre essa característica Fritzen discorre que: "Há, por detrás de afirmações desse tipo, portanto, uma concepção de língua como sendo uma entidade pura, homogênea, imutável e, por conseguinte, uma noção de identidade lingüística alemã também pura, fixa, totalizada" (FRITZEN 2008. p, 346), essa concepção de língua pura, não é real, sendo que o alemão, se fala em diversos países e em diferentes variedades, não há somente o *Hochdeutsch*.

A relação que ocorre quando há duas variedades de uma mesma língua, apresenta-nos Ferguson (1974), que chama essa de diglossia. Na Diglossia de Ferguson sempre haverá uma variedade superposta, chamada de alta (A) e outra baixa (B). A alta, aprendida na educação formal, é considerada de prestígio, por ser mais lógica, seguir regras gramaticais e ter acervo literário. A baixa é aprendida primeiro, somente falada, se aproxima mais do sentimento, é mais efetiva na comunicação, o contexto em que o falante se encontra determina a utilização de A ou B.

Na relação diglossica entre o *Hochdeutsch* e o *Hunsrückisch* há uma variedade de maior prestígio social, o *Hochdeutsch*, considerado mais culto, e outra considerada baixa e de menor prestígio, no caso o *Hunsrückisch*. Nessa perspectiva Pertile (2009) nos apresenta a situação do *status*, que vai influenciar na manutenção e substituição de uma língua de menos status por outra de maior

status. Os alemães e seus primeiros descendentes de classe alta (mais escolarizados) que viviam no Brasil (padres, engenheiros, arquitetos, professores), sentiam a necessidade da escrita e da leitura, com a falta do alemão escrito, o português aparece como língua oficial e nacional, a forte candidata a ocupar o papel de *standart* para esse público, enfatiza Horst (2014). Ocorre entre a língua portuguesa e o *Hunsrückisch* a relação de diglossia apresentada por Fishman (1967), a possibilidade de diglossia entre mais de dois códigos sem eles terem necessariamente origem comum.

## 5. FATORES DE MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

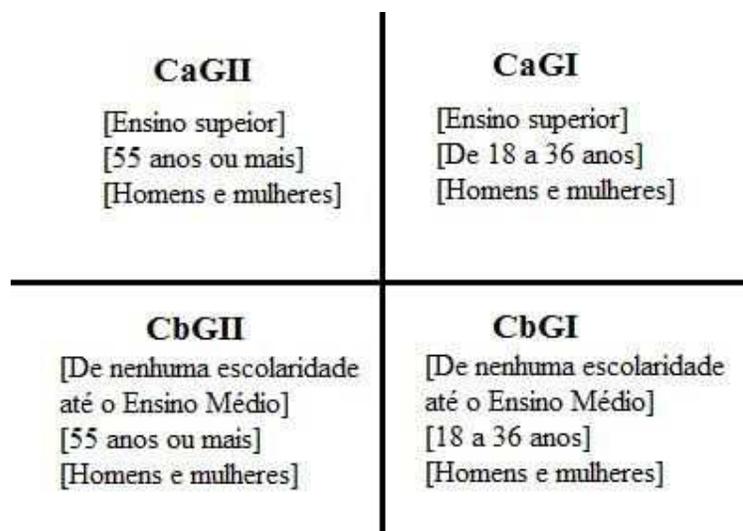
São diversos os fatores que levam uma língua a manter-se em uso ou ser substituída, pois a língua não é estática, está em constante evolução, relembra Pertile (2009). A autora elenca vários fatores que podem influenciar na questão da manutenção e substituição da língua, dentre eles, os já citados, a questão do status, isolamento das comunidades alóctones, e questões histórico e políticas. Além destes a autora aponta para os aspectos demográficos, quanto maior números de falantes, maior a possibilidade de manutenção, quanto maior a imigração mista, menor a possibilidade de manutenção, pois a tendência é o uso de uma língua geral. O poder econômico é outro fator relevante, quanto uma língua vale?, Pertile (2009) discorre que esse “valor” é medido pela economia dos países que a falam e pela finalidade de seu uso. As possibilidades de uso em trabalho e educação de uma língua estrangeira geralmente estão ligadas ao domínio de uma língua de prestígio como o inglês. Pertile (2009) ainda discorre que é importante lembrar que há influências do terreno midiático, nos meios de comunicação prevalece uma variedade de língua de status, que os falantes inevitavelmente almejam apregar.

No caso dos teutos-brasileiros, a procura de novas terras para cultivo pelos colonos, a maior facilidade nos transportes, o crescimento dos centros urbanos e por fim, a miscigenação de etnias por meio de casamentos inter-étnicos contribuíram para que, aos poucos, o português tenha conquistado espaço maior (HORST, 2011; HORST E KRUG, 2012). Para responder as inquietações de nossa pesquisa nos utilizaremos de alguns dos pressupostos teóricos da dialetologia pluridimensional apontada nas produções de Thun (1996, 1998, 2005, 2009 e 2012).

## 6. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

A dialetologia pluridimensional, segundo Thun (2005), combina a sociolinguística com a dialetologia areal, analisando elementos que partem do mesocosmo, passa pelo microsomo e chega ao macrosomo. Esta teoria é fundamentada para que análise da variação linguística seja realizada considerando diferentes dimensões, dentre elas: dialingual, diatópica, disatrática, diageacional, diassexual, diafásica e diarrefrencial, diareligiosa. Utilizando a metodologia que a dialetologia pluridimensional propõe é possível extrair um maior número de informações com um número reduzido de informantes do que se a pesquisa tivesse caráter monodimensional em que apenas uma dimensão é considerada com um número maior de informantes. Em nosso estudo utilizaremos as dimensões diastrática, diageracional e diassexual. Os informantes estarão igualmente distribuídos dentro das dimensões, essas informações podem ser apresentadas no esquema de cruz apontado por Thun (2005 p.67):

**Figura 01**



Fonte: (THUN, 2005, p. 67)

A dimensão diassexual prevê o estudo por gêneros, em números iguais de informantes homens e mulheres. A pergunta é: quem preserva mais a variedade alemã, o homem ou a mulher? Labov (1972) destaca que a mulher é mais suscetível a mudança, que tende a se aproximar das variedades mais prestigiadas socialmente. Já para Pertile (2009), o que pode desencadear a manutenção e

substituição de uma variedade diferentemente em homens e mulheres está relacionado com a posição social que cada um ocupa.

Assim como a dimensão diassexual, a dimensão diageracional também exercerá influência na manutenção e na substituição de uma língua por outra, essa dimensão verifica como se comportam linguisticamente indivíduos de diferentes gerações. Na nossa pesquisa serão consideradas duas gerações sendo: GII pessoas com mais de 55 anos e GI pessoas de 18 a 36 anos pois tomará como base a pesquisa realizada pelo projeto ALMA na seleção dos informantes.

Como a última dimensão de nosso estudo, temos a dimensão diastrática, Bortolotto (2015) comenta que com base na dimensão diatrática podemos verificar como a escolaridade, profissão e classe social entre outros, podem interferir na manutenção e substituição linguística. Os informantes são classificados como classe alta (Ca) ou baixa (Cb), a dialetologia pluridimensional seleciona a escolaridade como fator que determina a classe social. Assim serão classificados como Ca os informantes com graduação ou mais e Cb de nenhuma escolaridade até o ensino médio.

## 7. ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, por meio das entrevistas realizadas pelos pesquisadores do ALMA – H, busca-se reunir as informações referentes a utilização dos termos de parentesco, além disso, trazer gráficos que demonstrem o percentual destas utilizações. A partir das respostas dos informantes, iremos analisar, dentro dos pressupostos da dialetologia pluridimensional, os possíveis motivos para uma maior manutenção ou substituição linguística considerando as dimensões diageracional, diastrática e diassexual.

O questionário lexical aplicado consiste em fazer uma descrição da palavra que se deseja que o informante fale, ex: "como é o nome das pessoas que os pais escolhem quando a criança nasce?", se espera que o informante diga o termo de parentesco em *Hunsrückisch* espontaneamente, caso não ocorra, o pesquisador instiga a resposta (insistência), depois dá uma sugestão de termo, o informante vai dizer se concorda ou não com aquela utilização. Assim sendo, criou-se um quadro para apresentar as informações e os dados obtidos:

**Quadro 01**

**Resultados individuais das aplicações dos termos de parentesco no questionário lexical**

<b>LEGENDA</b>									
Resposta espontânea	O	Resposta por insistência		Δ					
Sugestão aceita	□	Sugestão não aceita		∅					
Sem informação	X	Informante Inexistente		<sup>13</sup>					
	<b>São Carlos – SC</b>	<b>CaGII</b>		<b>CaGI</b>		<b>CbGII</b>		<b>CbGI</b>	
	<b>TERMOS<sup>14</sup></b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>M</b>	<b>F</b>	<b>M</b>	<b>F</b>
1	<i>Patt</i>	O	O	O	O	O	O	I	O
	<i>Toofpatt</i>	□	□	□	□	□	□	I	□
	<i>Ferrepatt</i>	Δ	Δ	O	O	Δ	Δ	I	□
	Padrinho	x	x	□	□	x	x	I	x
	<i>Patin</i>	x	x	x	x	x	x	I	∅
2	<i>Goth</i>	O	O	O	O	O	O	I	O
	<i>Toofgoth</i>	□	□	□	□	□	□	I	□
	<i>Ferremgoth</i>	Δ	Δ	O	O	Δ	Δ	I	□
	Madrinha	x	x	□	□	x	x	I	x
3	<i>Pattche</i>	O	O	O	O	□	□	I	□
	Afilhado	x	x	x	x	O	O	I	O
4	<i>Gohtche</i>	O	O	O	O	□	□	I	O
	Afilhada	x	x	x	x	O	O	I	O

**Fonte:** ALMA - Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata

Observando o quadro acima com os frutos das aplicações dos termos de parentesco no questionário lexical, percebemos que, em síntese, considerando as respostas espontâneas, insistência e sugestão, os informantes tem conhecimento de

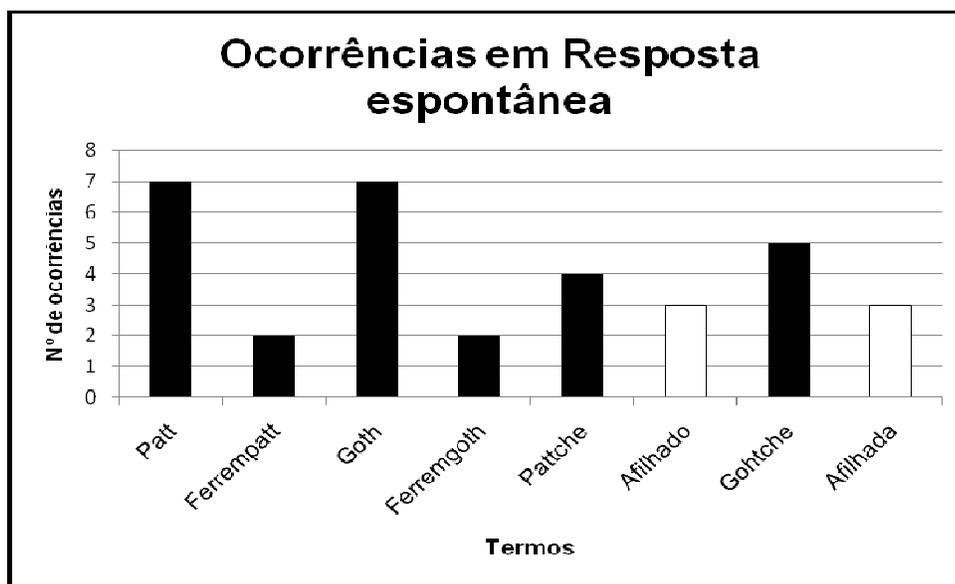
<sup>13</sup> Informante não encontrado.

<sup>14</sup> Em ordem a tradução dos termos em *Hunsrückisch* para o português é a seguinte: 1: padrinho, padrinho de batismo, padrinho de crisma; padrinho 2: madrinha, madrinha de batismo, madrinha de crisma; 3: afilhado; 4: afilhada.

praticamente todos dos termos em *Hunsrückisch*, com exceção do termo "*Patin*" (em português madrinha), que nenhum informante citou e na informante CbGI foi sugestão não aceita. Porém, considerando as respostas espontâneas, insistência e sugestão, temos diferenciações.

Considerando somente os termos de parentesco espiritual que tiveram uma resposta espontânea, que e a primeira resposta dada pelo informante temos:

**Gráfico 01:**



**Fonte:** ALMA - Atlas linguístico contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata

Não houve nenhuma resposta espontânea dos termos que não estão no gráfico acima (*madrinha*, *padrinho*, *Toofpatt*, *Patin* e *Toofgoth*), mas se considerarmos as respostas espontâneas e as por insistência, que é a segunda resposta dada pelo informante, temos uma ampliação no conhecimento das variantes. Essa característica reflete o conhecimento e as atitudes que estes informantes tem perante a língua *Hunsrückisch*, conhecem seus termos mas não possuem uma iniciativa na língua. São palavras conhecidas mas que precisam ser resgatadas na memória.

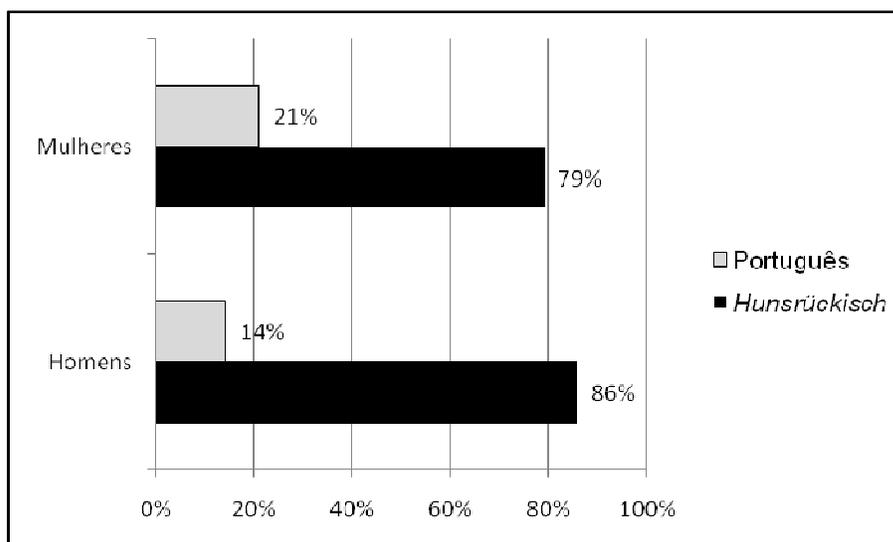
Analisemos agora as respostas considerando as hipóteses apresentadas no início desta pesquisa. Retomando-as: (a) distinção na manutenção linguística tendo em vista a dimensão diassexual, diatrática e diageracional; em que houvesse mais manutenção no gênero feminino; mais substituição na Classe alta (Ca) e na geração I (GI), que são os mais escolarizados e mais novos, respectivamente; e assim encontraríamos: (b) diferentes graus de bilinguismo;

## 7.1 DIMENSÃO DIASSEXUAL

Verificando se nessa localidade realmente há uma distinção na manutenção linguística tendo em vista a dimensão diassexual recorreremos a dados estatísticos para verificar a tendência social nesse gênero. Em nosso município de análise, São Carlos - SC, pelo censo realizado pelo IBGE (2010) a proporção de famílias em que a mulher era responsável pela família, do tipo casal com filho era de apenas 13,8%, outra dado interessante é que entre homens e mulheres que tem como ocupação apenas os trabalhos domésticos, 87% eram mulheres. Então se confirma que nesse município a mulher é culturalmente responsável pela vida familiar, se desloca menos para trabalho e negócios, tem menos contatos e então tem-se a hipótese de que ela pode preservar mais a variedade da língua alemã.

No gráfico abaixo temos representado as respostas espontâneas dos informantes entre homens e mulheres:

**Gráfico 02:** Dimensão Diassexual



**Fonte:** ALMA - Atlas linguístico contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata

Em números totais total dos termos em obtivemos os seguintes resultados: Mulheres, 4 informantes, 19 respostas espontâneas sendo, 15 em *Hunsrückisch* e 4 em português. Homens, 3 informantes, 14 respostas espontâneas sendo 12 em *Hunsrückisch* e 2 em português.

No nosso estudo percebemos que não houve uma grande distinção de respostas entre o sexo feminino e o masculino. Porém, dentre os informantes

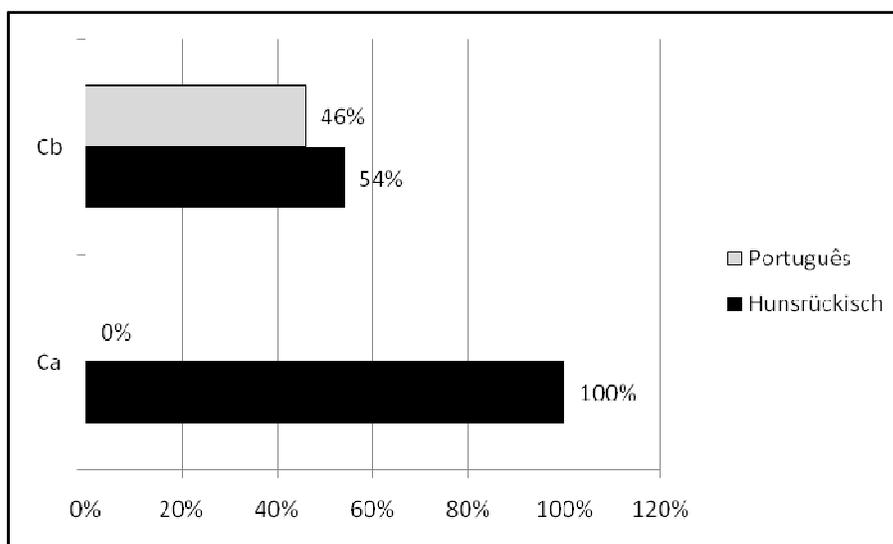
procurados, um deles não foi encontrado, que é o caso CbGI, justamente do gênero masculino. Não foi encontrado<sup>15</sup> um informante com características: teuto-brasileiro, do sexo masculino entre 18-36 anos, que tivesse morado 2/3 da vida no município, com menos que o ensino médio. Podemos concluir que o perfil dos moradores segue os dados do IBGE, em que a mulher tem um perfil mais voltado ao lar, porém nas respostas dos informantes entrevistados não foi encontrada discrepância diasssexual da variedade *Hunsrückisch*.

## 7.2 DIMENSÃO DIASTRÁTICA

Se pressupõe que a relação diglossica entre o *Hunsrückisch* e a língua portuguesa pode evidenciar uma menor utilização de termos em *Hunsrückisch* pela classe alta. Fritzen (2008) aponta que ainda nos dias atuais essa variedade é estigmatizada e relacionada a uma classe social (baixa), dialeto de alemães "colonos" que tem pouca instrução.

No gráfico abaixo temos representado as ocorrências dos termos de parentesco em respostas espontâneas, em percentual, na Classe Alta (com ensino superior) e Classe Baixa (com até ensino médio):

**Gráfico 03:** Dimensão Diastrática



**Fonte:** ALMA - Altas linguístico contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata

<sup>15</sup> Critérios utilizados pelo projeto ALMA - H para selecionar informantes.

Em números totais obtivemos os seguintes resultados: Classe alta (Ca), 4 informantes 20 respostas espontâneas todas em *Hunsrückisch* e Classe Baixa (Cb), 3 informantes, 13 respostas espontâneas, 7 termos em *Hunsrückisch* e 6 em português.

Outra hipótese que não se confirmou foi na dimensão diastrática, nesse caso os informantes têm um contato maior com o português na leitura e na escrita, essa característica poderia explicar uma menor utilização dos termos em *Hunsrückisch* na Classe Alta (Ensino Superior) nos informantes de nossa pesquisa. Porém, a escolaridade foi um fator relevante para preservação da variedade, porém de forma invertida. Os informantes, possuem uma maior consciência linguística, assim, dependendo da circunstância, fazem o uso de uma ou de outra variedade.

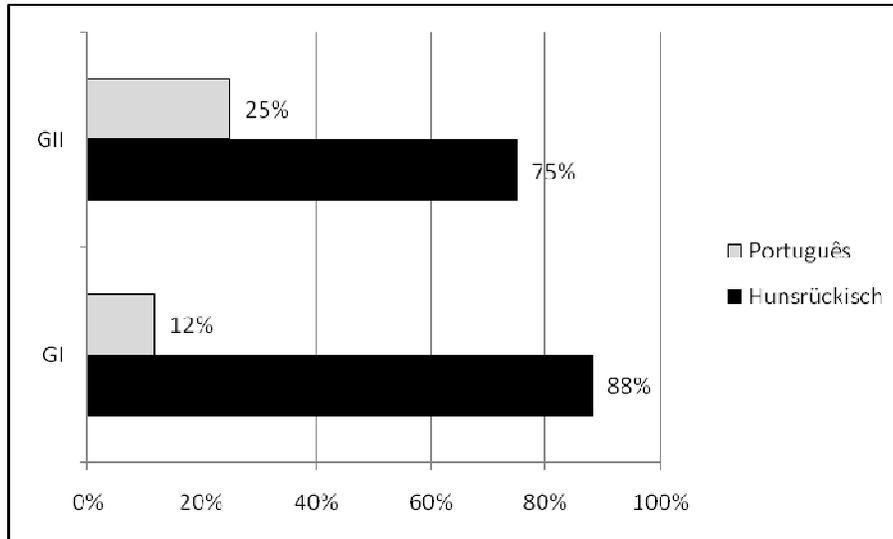
Temos algumas colocações nesse caso quanto a manutenção nestes informantes. Na CbGII os informantes relataram que rezam, cantam, lêe (masculino) em *Hunsrückisch*, preferem falar *Hunsrückisch* do que português, acham mais bonita, não que eles não conheçam e/ou utilizem as variantes em *Hunsrückisch*, porém, suas respostas não aparecem na resposta espontânea, precaveu as respostas por insistência e sugestão.

Chamou-nos atenção o alto índice de reconhecimento dos termos em *Hunsrückisch*, pela Ca. Ocorre que o perfil dos informantes pode ter contribuído para tal, sendo que os informantes da CaGII são professores de língua estrangeira, mostrando que a proficiência em *Hunsrückisch* incentivou os informantes a buscarem outras línguas como profissão, e que as diversas línguas podem conviver em plena harmonia. Os informantes da CaGI também possuem um perfil singular, apesar de serem da Ca, os informantes não se deslocaram do município para estudos, realizaram suas graduações no próprio município onde sempre mantiveram contato com a variedade. Também trabalham no município e em conversa livre foi constatado que suas profissões tem relação com atendimento ao público, dentre eles, falantes dessa variedade linguística, esse contato com um razoável número de falantes, é um fator a ser considerado para manutenção linguística (PERTILE, 2009).

### 7.3 DIMENSÃO DIAGERACIONAL

No gráfico abaixo temos representado a ocorrência dos termos de parentesco em respostas espontâneas, na Geração I (18 a 36 anos) e Geração II (acima de 55 anos):

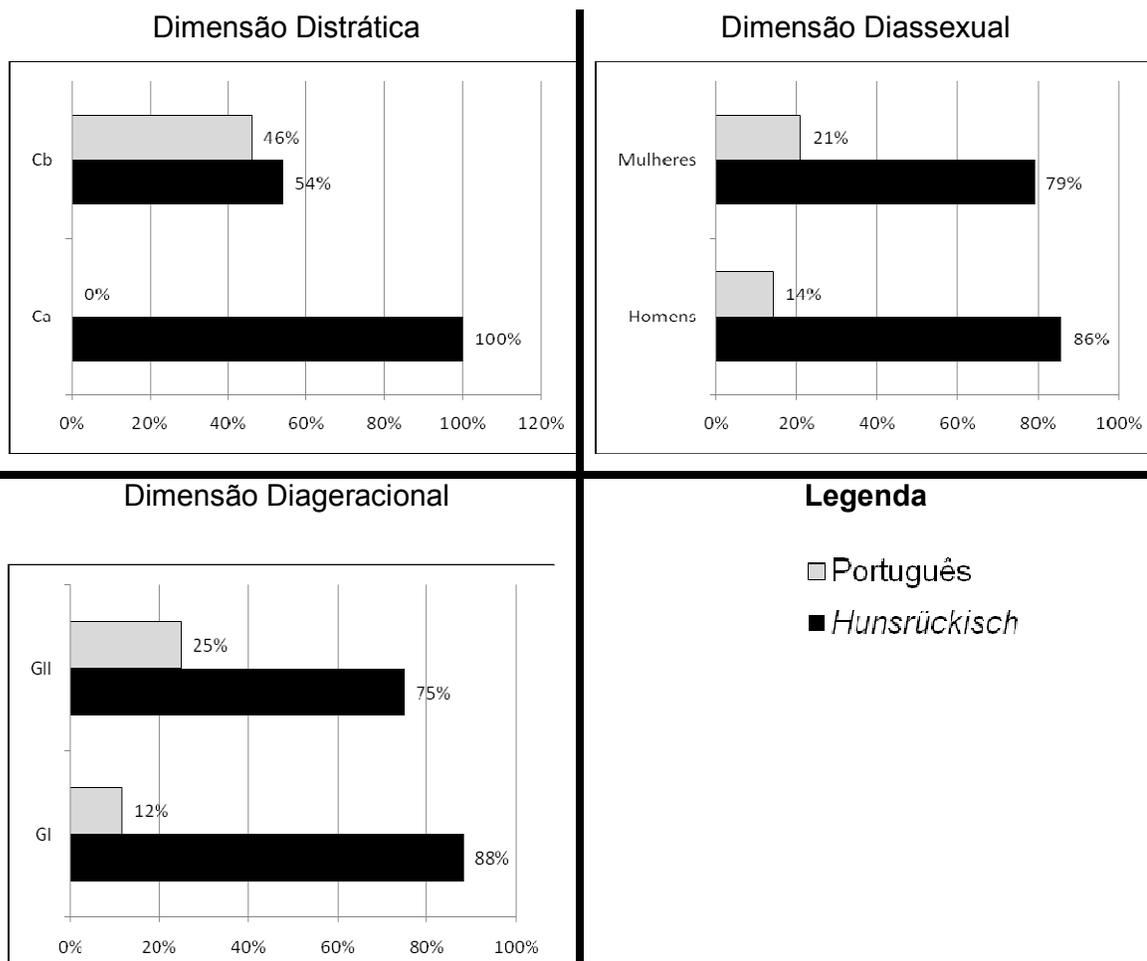
**Gráfico 04:** Dimensão Diageracional



**Fonte:** ALMA - Atlas linguístico contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata

Em totais gerais obtivemos os seguintes resultados: Geração (GI), 3 informantes, 17 respostas espontâneas sendo, 15 em *Hunsrückisch* e 2 em português. Na Geração II (GII), 4 informantes, 16 respostas espontâneas sendo, 12 em *Hunsrückisch* e 4 em português.

Para uma visão mais pluridimensional e relacional, reunimos as informações no esquema de cruz (THUN 2005, p. 67), como podemos observar abaixo:



Na dimensão diageracional que obtivemos diferenças no conhecimento ou desconhecimento dos termos e nos tipos de resposta. A geração I no geral teve mais iniciativa para utilizar a resposta espontânea dentre os tipos de resposta. Ocorreu nos informantes do tipo CbGII uma menor utilização dos termos em respostas espontâneas, alguns termos só chegaram por sugestão. Os motivos que levam a GII a ter uma menor manutenção podem ser vários, é uma junção de fatores, o que não representa um menor grau de bilinguismo dos informantes, mas sim, pode ser algo relacionado ao momento, como ansiedade, nervosismo, o que Mackey (1972) admite influenciar na proficiência linguística.

Quando a informante da CaGI foi indagada de qual língua achava mais bonita ele responde:

- "Heute für uns, wir lernen in the Schule, Brazilianisch, Brazilianisch, kein lernen taitsch schreibe, dann kann man sann, ist die Brazilianisch. Ist mehr orgulho, das Wenige was wir immer noch kan, weißtdu?" (CaGI - F)

- "sprechen ist taitsch schönen!" (CaGI - M)

- "ja" (CaGI - F)<sup>16</sup>

Assim os dois concordam que na escrita o português é mais bonito, pois não conhecem o alemão escrito, não aprenderam na escola como o português, percebe-se uma frustração por não saber escrever e ler em alemão e uma vontade de ter conhecido a variedade da língua alemã escrita. Seguido da conclusão de que na fala o alemão é mais bonito, as palavras saem melhor, os sentimentos e as intenções são mais bem expressados. Mostrando que realmente falar a variedade *Hunsrückisch* é uma questão de orgulho, que enquanto algumas pessoas já não falam o alemão para estes informantes é uma questão de identidade e de cultura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo geral de descrever dados linguísticos de uma comunidade de contato português-*Hunsrückisch* (São Carlos - Santa Catarina) e analisar a manutenção e substituição linguística da variedade alemã, considerando os termos de parentesco espirituais foi alcançada. Retomando nossa pergunta inicial: "Será que o motivo e o percentual que o indivíduo mantém uma língua, está relacionado à classe social, ao gênero ou à idade?". Relacionamos as dimensões diageracional, diassexual e diastrática para verificar se ocorre a manutenção e substituição linguística do *Hunsrückisch* pelo português considerando os termos de parentesco espirituais.

---

<sup>16</sup> Escrita nossa com base no projeto do grupo ESCRITHU. ALTENHOFEN, Cléo V. ; FREY, Jaqueline ; KÄFER, Maria Lidiane ; KLASSMANN, Mário Silfredo ; NEUMANN, Gerson ; SPINASSÉ, Karen Pupp . Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. Contingentia (UFRGS), v. 2(nov), p. 73-87, 2007.

Tradução: " Hoje para nós, a gente estuda na escola brasileiro, brasileiro, não se aprende escrever o alemão, dá para dizer que é brasileiro. É mais orgulho, o pouco que agente ainda pode. Sabe? (CaGI - F)

- Falar alemão é mais bonito!" (CaGI - M)

- "sim!" (CaGI - F)

A análise dos dados permitiu comprovar que na dimensão diassexual não houve uma diferenciação significativa entre as respostas dos informantes. Na dimensão diastrática houve uma diferenciação entre a Ca e a Cb, sendo que a Ca obteve um maior número, em percentual, de respostas espontâneas em *Hunsrückisch* do que a Cb. Na dimensão diageracional a G1 teve um maior percentual de termos por resposta espontânea. O objetivo específico da pesquisa de estudar as dimensões diastrática, diassexual e diageracional (THUN 1996, 1998, 2005, 2009 e 2012) na manutenção e substituição linguística foi alcançado, mesmo todas as hipóteses não terem sido comprovadas.

Sobre o objetivo específico de discorrer sobre os fatores extra-linguísticos que podem influenciar na manutenção e ou substituição da variedade alemã. Chegamos a algumas considerações relevantes. O *Hunsrückisch* chegou ao Brasil e de geração em geração foi transmitida oralmente, como em toda língua viva ocorreram modificações, muitas palavras novas não faziam parte do léxico da variedade trazida. Como os emigrantes não retornavam para de atualizar linguisticamente, a língua recebeu a influência de outras variedades, sobretudo o português (HORST E KRUG 2012, ALTENHOFEN 2004 e BRAUN 2010). Com o passar dos tempos muitos falantes começaram a substituir a língua *Hunsrückisch* pelo português.

Fatores históricos são sem dúvida decisivos, a repressão sofrida pelos imigrantes durante o Estado Novo, fez com que muitas famílias tivessem medo de utilizar a sua variedade alemã. Políticos, com o fechamento das escolas que ensinavam alemão e a perda durante os anos do ensino do alemão como língua nas escolas, além de conflitos armados. Fatores sociais, com a crescente miscigenação de etnias é difícil manter uma língua minoritária de imigração, quando a maioria é monolíngue achatando as línguas minoritárias. Ainda, os altos índices de urbanização, o acesso aos meios de transporte que deixam tudo e todos pertos e, além disso, temos a massa dos veículos de comunicação que comungam o monolinguismo centralizado em apenas um tipo de fala (OLIVEIRA, 2000).

Os motivos pelo alto nível de bilinguismo em informantes de São Carlos -SC podem ainda ter outras explicações. O grau de isolamento que a comunidade alóctone de São Carlos possui, fisicamente dos grandes centros, culturalmente dos municípios de colonização diferente (IBGE, 2010), possibilitou que estes munícipes que nos serviram de informantes, preservassem a língua e a cultura. O fato de que todos os informantes possuem pais em casamentos intra-étnicos também

possibilitou uma maior preservação da língua. Também, o fato dos informantes, inclusive da GI e Ca não possuírem o esperado deslocamento e contato com outros grupos linguísticos, no trabalho, estudos e lazer.

Em nosso objetivo de inferir o grau de bilinguismo dos informantes a partir da análise de questões referentes as crenças dos indivíduos verificamos que os indivíduos tem uma atitude positiva para com a língua. Cada indivíduo conseguiu reservar um espaço para a língua *Hunsrückisch*, mesmo ela sendo considerada língua minoritária. Os informantes da GII preservam a língua nas canções, nas orações, nos ditados populares, nas conversas em grupos. Os informantes da GI já não rezam mais na variedade, mas a utilizam em seus trabalhos, em conversas com os amigos, na família. Todos os informantes compreendem e produzem textos falados em *Hunsrückisch*, porém pela arcaidade desta variedade alguns vocábulos não possuem correspondente na variedade alemã.

Contradizendo a visão popular de que há uma diferenciação na fala de pessoas mais ou menos escolarizadas, os informantes da pesquisa mostraram que o *Hunsrückisch* não é restrita a um grupo. Na localidade o *Hunsrückisch* é e ainda será motivo de orgulho, como a informante CbGI cita. Conclui-se de que nos informantes da localidade, há uma maior manutenção do que substituição dos termos de parentesco de tipo espiritual, quase todos os termos foram ao menos reconhecidos.

Com a pesquisa de revisão bibliográfica e com a pesquisa de corpus, concluímos que, contrariando os incentivos de escolas públicas, privadas ou de idiomas para formar sujeitos bilíngues em línguas estrangeiras elitizadas, o bilinguismo no Brasil ocorre principalmente fora das mesmas, desenvolvendo-se primeiramente no lar e na forma de línguas minoritárias. Os pais bilíngues passam para os filhos seus conhecimentos sobre uma língua que não é a nacional, pelo diálogo, pela afetividade, pelo contato. É o que ocorreu com os informantes de nossa pesquisa.

Por fim, este estudo mostrou a heterogeneidade linguística, a importância de se reconhecer o bilinguismo, indiferente do grau de proficiência que o falante domine, mostrando que o *Hunsrückisch* continua presente na comunidade linguística de São Carlos - SC, destacando a importância da manutenção das línguas minoritárias, especialmente o *Hunsrückisch*, como parte da história, da cultura e da identidade.

## REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo V. A constituição do corpus para um “Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”. *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. Os contatos Lingüísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tommaso (org.). *O contato lingüístico e o Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul*. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutsch-brasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996. v. 1. 444p.

ALTENHOFEN, Cléo V. O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português. In: *I Fórum Internacional da Diversidade Lingüística: por uma política para a diversidade lingüística no ensino de línguas*, 2008, Porto Alegre.

ALTENHOFEN, Cléo V. ; FREY, Jaqueline ; KÄFER, Maria Lidiane ; KLASSMANN, Mário Silfredo ; NEUMANN, Gerson ; SPINASSÉ, Karen Pupp . Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. *Contingentia (UFRGS)*, v. 2(nov), p. 73-87, 2007.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI)*, Frankfurt a.M., n.1, p. 83-93, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo. V. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilingüismo (alemão-português). *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.

BORTOLOTTI, P. C. M. *O talianna fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó-SC e Pato Branco-PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco*. 2015. Dissertação (Mestrado) -Curso de Letras, UFFS, Chapecó, 2015.

BRAUN, F. K.; *História da Imigração alemã no Sul do Brasil*. Nova Petrópolis: Editora Amstad, 2010. v. 250. 137p.

DE HEREDIA, C. Do Bilingüismo ao falar bilíngüe. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (orgs.). *Multilingüismo*. Campinas: Unicamp, 1989. p. 177-220.

FERGUSON, C. A. Diglossia. Trad. Maria da Glória da Silva. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974. p. 99-118.

FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 2, p. 29-38, 1967.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996. p. 83-89.

FRITZEN, Maristela Pereira ; *Ich spreche anders, aber das ist auch deutsch*: línguas em conflito em uma escola rural localizada em zona de imigração no sul do Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP)*, v. 47, p. 341-356, 2008.

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no vale do taquari*. 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102193/000921516.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

HORST, Cristiane. “Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisá”: a dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil, Westensee Verlag: Kiel, 2011.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, São Paulo, v. 22, n.2, p. 367-383, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1677>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades*: São Carlos, SC. 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421600&search=santacatarina|sao-carlos>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Recenseamento Geral do Brasil ano de 1940*. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

JUNGBLUT, Roque. *Porto Novo: um documentário histórico*. 3. ed. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

KERBES, Zenaide I. S. *Conhecendo São Carlos*. São Carlos: Gráfica Editora Porto Novo, 2004.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. IN: SILVA F.L. da; MOURA, H.M de M. (org.). *O Direito à Fala: questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000. 128p.

PARÓQUIA SÃO CARLOS BORROMEU. *Ata realizada em 27 de fevereiro de 1938*. Livro n.01, p. 37.

PERTILE, Marley Terezinha. *O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese de Doutorado.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS. *Dados Gerais*. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sc.gov.br/conteudo/?item=21808&fa=11190>> Acesso em: 09 Mar. 2010.

SEITENFUS, Ricardo. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl(org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social ea história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *Para a História do Português Brasileiro*. Londrina: EDUEL, 2009.

THUN, Harald. Entre alteridad y aliedad: las lenguas minoritarias en momentos de crisis internacional. In: PFLEGER, Sabine; STEFFEN, Joachim; STEFFEN, Martina (org.). *Alteridad y aliedad: la construcción de la identidad con el otro y frente al otro*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2012. p. 21-40.

THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: 1995: Palermo). Attidel XXI Congresso Internazionale diLinguistica e Filologia Romanza. (org). Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, v. 5, p. 701-729, 1998, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des SymposiumszurempirischenDialektologie*. Kiel:Westensee-Verl, p. 210-275, 1996.

UFRGS. *O que é o ALMA? Apresentação*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/apresentacao.html>>. Acesso em: 05 dez. 2014.